

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Dezembro de 2008

## A *ILÍADA* EM BANDA DESENHADA

Há alguns anos, mais especificamente em 2001, em Coimbra, durante a apresentação de uma comunicação ao congresso ‘Som e imagem no ensino das Línguas Clássicas’, manifestei a minha perplexidade perante a aparente ausência do tratamento dos temas clássicos na Banda Desenhada<sup>1</sup>. A minha reflexão vinha no seguimento de uma série de verificações, entre elas o facto de os enredos mitológicos clássicos, ou até mesmo os das grandes obras da cultura greco-latina, proporcionarem excelentes argumentos para projectos no âmbito daquela que tem sido designada como a Nona Arte, mas que na verdade se revelavam exíguos em termos de produções concretizadas. Até então, predominavam as adaptações históricas (como são os casos de *Astérix* ou *Murena*) ou os meros exercícios de fundo supostamente histórico mas na verdade pouco realistas (como o caso de *Álix*)<sup>2</sup>. Por outro lado, os mitos de Hércules e de Tirésias haviam já inspirado dois álbuns que se destacavam do conjunto publicado pela positiva<sup>3</sup>.

Sete anos volvidos, o panorama alterou-se significativamente. A mitologia e a literatura clássicas, bem como os textos que no-la transmitiram, parecem ter sido redescobertas com grande pujança pelos artistas de BD e tem vindo de modo progressivo a ganhar um merecido lugar de destaque. A *Odisseia*, em particular, tem tido de uma atenção privilegiada neste domínio, e dado origem a várias adaptações à Banda Desenhada. Mas não é a única

---

<sup>1</sup> Ver o nosso estudo “A Antiguidade Clássica em Banda Desenhada” in J. Ribeiro Ferreira e P. Barata Dias, coord., *Som e imagem no ensino das Línguas Clássicas*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 2003, 51-81.

<sup>2</sup> Apesar do carácter satírico e caricatural da colecção *Astérix*, consideramos que esta é mais próxima da realidade histórica que a colecção *Álix*, totalmente inverosímil e por vezes até anacrónica, do ponto de vista do argumento. Os diferentes estilos de traço, porém, poderiam sugerir o contrário.

<sup>3</sup> Ver nota 1.

fonte de inspiração. Outros temas há que têm vindo a ser “redescobertos” para a BD, como a *Eneida* ou o mito de Atalanta<sup>4</sup>.

É pois com todo o gosto que registamos aqui uma nova adaptação de um clássico: a *Iliada*.

Saída entre Dezembro de 2007 e em Novembro de 2008 (versão completa), por iniciativa da conhecida casa *Marvel Comics*, esta adaptação da epopeia homérica à Banda Desenhada não terá sido, porém, a primeira<sup>5</sup>. Mas é sem dúvida, até agora, a melhor, quer pela qualidade do traço quer pela adaptação do argumento às vinhetas que definem a nona arte. Em certa medida, para uma produtora como a *Marvel*, a escolha de um tema como o da *Iliada* para adaptar à BD não é de todo algo de extraordinário. Se tivermos em conta que essa é a casa-mãe de figuras da cultura popular contemporânea como o *Spider Man* (Homem-Aranha), *Hulk*, *Captain America* (Capitão América) ou o *Silver Surfer* (Surfista Prateado), de imediato percebemos que a apetência pela figura do super-herói é o que define o seu percurso editorial. E não serão as figuras da mitologia clássica, em particular os heróis guerreiros associados ao ciclo de Tróia, os antepassados mais longínquos desta galeria de personagens, hoje tão apreciada por milhares de leitores de todas as idades em todo o mundo? Não terão estas algumas das mesmas funções que aquelas, a certa altura, tiveram no imaginário popular? Algumas dessas figuras reclamam inclusive, de uma forma explícita, uma ascendência clássica. Esse é o caso da célebre Mulher Maravilha (*Wonder Woman*) que, apesar de pertencer a uma outra casa editora (a *DC Comics*), é tida como filha de Hipólita, uma rainha amazona, sendo ela própria conhecida como Diana, princesa das Amazonas<sup>6</sup>. Estamos mesmo convictos de que será

---

<sup>4</sup> Sobre estes temas, ver os nossos artigos “Ulisses, Cleópatra, Agripina e Júlia Domna em BD”, *BEC* 39 (2003) 127-133; “O regresso de Ulisses à Banda Desenhada”, *BEC* 42 (2004) 189-197; “Da *Odisseia* à *Eneida*. Novos temas clássicos em Banda Desenhada”, *BEC* 44 (2005) 153-180; “Ulisses chega a Ítaca e reencontra Penélope. Desta vez... aos quadrinhos”, *BEC* 45 (2006) 187-195; “Atalanta e Ulisses ou Do mito grego em BD”, *BEC* 48 (2007) 185-196.

<sup>5</sup> Sabemos que houve adaptações da *Odisseia* e da *Iliada* durante os anos 50, em colecções juvenis norte-americanas, como a *Classics Illustrated* e a *Classics Comics* da própria *Marvel*.

<sup>6</sup> Ver, e.g., A. Dougall, ed., *The Ultimate Guide to the Amazon Princess*, London, DK Publishing, 2003, onde a heroína de BD é chamada de “Beautiful as Aphrodite, wise as Athena, strong as Hercules, and swifter than Mercury!”.

possível elaborar um “panteão” de super-heróis, com as figuras que compõem a *Justice League of América*, fazendo corresponder as personagens que a constituem a muitos dos caracteres da antiga mitologia clássica<sup>7</sup>. A associação de *Wonder Woman* a Ártemis/amazona ou a de *Superman* a Hércules serão apenas as mais evidentes de todas elas.

A novidade na escolha da *Iliada* para adaptar aos desenhos em quadradinhos reside também, portanto, no facto de, com ela, se regressar à fonte original de todo o imaginário que tem alimentado a cultura ocidental até aos nossos dias.

A chefiar uma equipa de seis artistas está o nome de Roy Thomas, o argumentista que, na verdade, se limitou a ser totalmente fiel ao texto grego original. E escrevo isto no bom sentido. É esse outro dos destaques a fazer. Ao que parece, os autores não hesitaram em seguir o argumento “criado” por Homero e é precisamente esse o que podemos encontrar, numa revitalização bem conseguida a vários níveis, dos quais não podemos deixar de salientar os belíssimos desenhos de Miguel Angel Sepúlveda, artista de origem hispânica<sup>8</sup>.

Roy Thomas, um norte-americano nascido em 1940, conquistou a sua fama no universo da BD com trabalhos como *Conan the Barbarian*, *X-Men* e *Avengers*. Percebe-se assim melhor o gosto pelos temas bélico-heróicos que acabam por desaguar nesta *Iliada*, qual regresso às origens. Os prémios que recebeu ao longo da sua carreira têm confirmado, aliás, a qualidade do seu trabalho. Trata-se, portanto, de alguém com um peso significativo neste domínio, como confirmam as adaptações ao cinema que aquelas criações conheceram. O conjunto destes dados permite-nos avaliar a importância desta

---

<sup>7</sup> Além de outros, a *Justice League of America* inclui o *Superman* (Super-Homem), *Batman* (Homem Morcego), *Wonder Woman* (Mulher Maravilha), *Flash*, *Robin*, *Batgirl* (Rapariga Morcego), *Green Lantern* (Lanterna Verde), *Aquaman* (Homem Aquático), *Green Arrow* (Flecha Verde), *Atom* (Átomo), *Hawkman* (Homem Falcão), *Hawkwoman* (Mulher Falcão), *Black Canary* (Canarinho), *Captain Marvel* (Capitão Marvel), *Plastic Man* (Homem de Plástico). Depois há ainda os respectivos vilões, como *Catwoman*, adversária de *Batman*, ou *Lex Luthor*, adversário de *Superman*.

<sup>8</sup> A equipa é formada por: argumentista – Roy Thomas; desenhos – Miguel Angel Sepúlveda; pintura – Sandu Florea; cores – Nathan Fairbairn; legendagem – VC’s Joe Caramagna; capas – Paolo Rivera.

adaptação, portanto. O facto de o argumentista ter optado por seguir à risca o poema homérico ganha assim, igualmente, um significado redobrado.

Esta *Ilíada* foi dividida em oito fascículos, ao longo dos quais se distribuem os 24 cantos do poema. Thomas optou por fazer uma pequena introdução, com a qual o tema é apresentado ao público. Na verdade, o autor parece ter consciência de que a audiência do século XXI não é igual à da Antiguidade Clássica. Se para esta não seria necessário explicar por que razão eclodira a Guerra de Tróia, para aquela é-o, pelo que o argumentista fá-lo e com eficácia. Assim, o juramento sugerido por Ulisses aquando do casamento de Helena, o rapto desta e a violação da hospitalidade de Menelau acabam por constituir mesmo a oportunidade para apresentar os principais heróis envolvidos no conflito.



Fig. 1 – Afrodite no campo de batalha protege o seu filho Eneias das investidas de Diomedes (cf. *Il.* 5. 348-351).

Outro aspecto a assinalar é o facto de o autor recusar qualquer interpretação “racionalizante” do poema, assumindo totalmente e sem preconceitos o maravilhoso divino que nele se encontra. I.e., nesta *Ilíada*, os homens são homens e os deuses são deuses. E, apesar de os dois planos de misturarem ao longo do enredo, sugerem-se marcas distintivas, como a transparência das figuras divinas, quando estão em contacto com os mortais, ou vice-versa, a que se associam legendas a cor diferente (azul e preto), de modo a marcar a diferença. Essa mesma transparência, porém, perde o sentido quando o cenário se monta apenas no plano divino, como o do Olimpo, por exemplo (figs. 1 e 2).

O argumentista assume assim, de forma natural, as ascendências divinas dos heróis, como a de Aquiles ou a de Eneias, e faz as divindades

intervirem na acção com a mesma força que no texto original. Não obstante, não se exclui a introdução de diálogos originais, ainda que construídos com base no poema grego, mas que dele não constam, de modo a criar uma linha de entendimento do enredo de uma forma mais eficaz, que têm como função conferir consistência à acção além da estrutura poética.



Fig. 2 – O concílio dos deuses (cf. *Il.* 7. 443-482).

Outra das mais valias desta edição está ao nível dos pormenores. Roy Thomas parece estar a par de muitas das subtilidades que conferem aos Poemas Homéricos grande parte do valor que têm. É nesse contexto que se inserem as representações da pose de Tétis suplicante perante Zeus (mãos sobre o joelho e sobre o queixo, fig. 3), da figura deformada de Tersites, do oráculo da serpente e dos pardais, das alusões à hospitalidade ou até mesmo a inclusão de símiles retirados na íntegra da epopeia.

Por outro lado, há pormenores menos positivos que também não nos passam despercebidos, como a representação do escudo de Aquiles, cuja

decoração em nada se assemelha à que lemos na célebre descrição do canto 18 (exceptuando talvez a referência à lua, ali de facto presente, fig. 4).



Fig. 3 – Tétis suplica a Zeus pelo seu filho, Aquiles (cf. *Il.* 1. 495-502)<sup>9</sup>.



Fig. 4 – O escudo de Aquiles (cf. *Il.* 18. 478-608)

<sup>9</sup> “... com a mão esquerda lhe agarrou os joelhos, enquanto com a direita o segurava sob o queixo”, como se lê em *Il.* 1, 501-502, trad. Frederico Lourenço.

Estranha ausência para quem reconhece outros pormenores significativos. Este seria também, por certo, um deles. Ainda que os pormenores da descrição não sejam essenciais para o desenrolar da acção, trata-se de um passo central na análise do poema. É isso que nos faz notar a sua falta<sup>10</sup>. Thomas optou também por ignorar quaisquer sinais de afectividade mais íntima entre Aquiles e Pátroclo. À boa maneira americana, talvez.

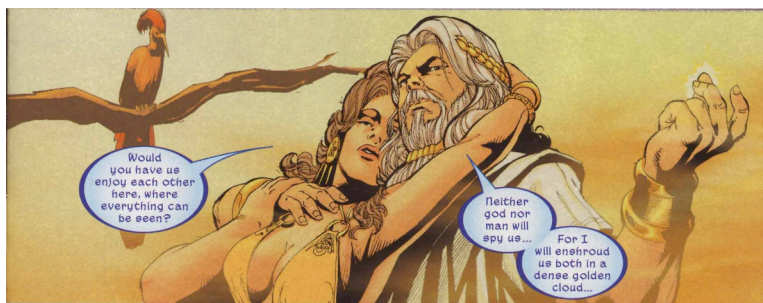


Fig. 5 – A hierogamia de Zeus e Hera (cf. *Il.* 14. 292-353).



Fig. 6 – Os heróis aqueus (cf. *Il.* 2. 405-409).

<sup>10</sup> Por outro lado, é compreensível que a riqueza de pormenores presentes na descrição do escudo seria praticamente impossível de representar numa vinheta de BD. Seria necessário um génio homérico para o fazer...





Fig. 7 – A despedida de Heitor e Andrômaca (cf. *Il.* 6. 466-475).



Fig. 8 – A morte de Pátroclo (cf. *Il.* 16. 830-854).



Fig. 9 – Hera fala através de Xanto, o cavalo de Aquiles (cf. *Il.* 19. 404-424).



Fig. 10 – Helena de Tróia, “a de alvos braços” (cf. *Il.* 3. 121).

Antes de terminar esta breve reflexão, não podemos deixar de referir a qualidade do traço, que vem na linha da BD mais clássica, sem que isso signifique, porém, qualquer juízo de tipo pejorativo. Antes pelo contrário, os desenhos de M.A. Sepulveda dignificam o Poema Homérico, como mostra a selecção, necessariamente exígua, que incluímos aqui e que representam a hierogamia de Zeus e Hera, a apresentação dos heróis aqueus, a despedida de Heitor e Andrómaca, a morte de Pátroclo e o momento em que Hera prediz a morte de Aquiles através de Xanto, o cavalo do herói (figs. 5, 6, 7, 8 e 9). Finalizamos com a representação de Helena, o *leit motiv* mítico da Guerra de Tróia, e que consiste na capa do primeiro dos fascículos desta série. Note-se, em particular, a forma como o artista apreende e representa a expressão da bela Helena (fig. 9)<sup>11</sup>.

NUNO SIMÕES RODRIGUES

---

<sup>11</sup> Impõe-se um agradecimento à Dra. Nídia Catorze Santos, que nos deu a conhecer a publicação desta obra.